

Versão inicial e incompleta do prólogo de *A Feast for Crows* encontrada no acervo de George R. R. Martin na Texas A&M University, por gsteff, e publicada no [reddit](#). Comentário de Martin no manuscrito: “*Esta é a versão mais antiga do prólogo que ainda está intacta, a mais longa e aquela que chegou mais perto de estar completa antes de eu decidir que não estava dando certo.*”

## PRÓLOGO (O LONGO)

— Dragões — Meribald insistiu enquanto bebia cerveja.

Um rouxinol gorjeava na oliveira, mas só Pate ouvia. *Doce*, pensou ele, *tão doce quanto minha bela Rosey*. Bebeu o resto da cerveja. *Ouro por vidro*, pensou, *ele vai me dar ouro por vidro*. O homem encapuzado fizera um dragão dançar por entre os dedos, para mostrar que tinha o ouro se Pate conseguisse o vidro. *Não sou ladrão*, disse a si mesmo, mas o rouxinol gorjeava na oliveira e quase parecia que o passarinho cantava *ouro por vidro, ouro por vidro, ouro por vidro*.

— Dragões? — Armen, o Acólito, olhou de nariz em pé para Meribald. Ele tinha o nariz perfeito para isso, comprido e pontiagudo. — A cerveja subiu à sua cabeça, meu rapaz? O último dragão morreu durante o reinado do terceiro Aegon.

— O último de que sabemos.

Como Pate, Meribald era um noviço. Como Pate, estava meio bêbado. Diferentemente de Pate, porém, ele era filho de um cavaleiro, grande e barulhento.

— Tampouco há mamutes em Porto Real. Isso quer dizer que mamutes não existem?

Era noite cerrada, e o terraço iluminado por archotes do Javali de Três Patas estava deserto, exceto por eles. O rouxinol gorjeava, o Vinhomel chocalhava e Meribald estava fazendo barulho demais. Ele sempre dizia que o pai o ensinara a ser ouvido no campo de batalha, mas Pate culpava a cerveja por deixá-lo tão barulhento.

A cerveja e Meribald haviam se tornado bons amigos desde a morte do pai dele na Batalha do Água Negra. Até aqui em Vilavelha, longe da luta e na segurança de suas quintuplas muralhas, a guerra estava sempre com eles. *A Guerra dos Cinco Reis*, era como o povo a chamava, embora o arquimeistre Benedict sempre salientasse que nunca houvera realmente cinco reis de uma vez, já que Renly Baratheon havia sido morto antes de Balon Greyjoy se coroar. Meribald seguia falando.

— Quando marujos de sete barcos diferentes contam a mesma história...

— As histórias não são as mesmas, meu rapaz.

Armen, o Acólito, forjara quatro elos de sua corrente de meistre. Parecia acreditar que aquilo lhe dava o direito de chamar todos os noviços de “meu rapaz”, como se fosse o mais “arqui” dos arquimeistres.

— Dragões em Qarth, dragões em Meereen, dragões dothraki, dragões de três cabeças... cada conto é diferente do anterior.

— Apenas nos detalhes — Meribald argumentou, teimoso. — Todos falam em dragões e numa bela e jovem rainha.

*Ouro por vidro*, pensou Pate, *mas eu não sou ladrão*. O Javali de Três Patas fermentava uma cerveja assustadoramente forte, e ele bebera demais. *Ou talvez não o bastante*. Se ele não era ladrão, o que era? Um noviço da Cidadela ou só um tremendo idiota? Queria que os amigos calassem a boca e o deixassem pensar. Fora um erro vir ao Javali hoje à noite.

*Ouro por vidro*, gorjeava o rouxinol, *ouro por vidro*. Pate passara o dia todo entre corvos, e o canto doce era agradável descanso dos berros ásperos deles. Os corvos brancos sabiam seu nome e resmungavam “Pate, Pate, Pate” para ele. Eram o orgulho de Walgrave, e sabiam disso. O velho queria que o comessem quando morresse, e Pate costumava sentir que queriam comê-lo também. Contemplou a caneca, perguntando-se como poderia enchê-la novamente. Outro quartilho da cerveja assustadoramente forte poderia dar a ele a coragem de que carecia. *Do contrário, Leo Preguiçoso se apossaria de Rosey*.

— Eu gostaria de montar num dragão — declarou Roone. Era o mais jovem dos cinco companheiros, um órfão corpulento a dois anos da maioridade. Sua

aldeia havia sido incendiada durante os confrontos nas terras fluviais, e todos os seus parentes passados na espada. — Eu gostaria muito.

*E eu gostaria de ir dormir com os braços da Rosey ao meu redor, pensou Pate, mas isso também não vai acontecer.* O primeiro quartilho da cerveja assustadoramente forte do Javali de Três Patas sempre o deixava alegre. O segundo o deixava convicto de que poderia conquistar todos os Sete Reinos. Depois de três, porém, a melancolia se instalava, e ele já bebera seis. Ou seriam sete? Alleras estava pagando, e Pate não contara. *Nosso Esfinge com mãos de prata e sua bolsa gorda.* Alleras descera ao Círculo da Sabedoria para encarar Arquimeistre Perestan e ganhara o direito de forjar o cobre. Seu terceiro elo em menos de um ano. Pate estava na Cidadela havia quatro anos e não tinha nenhum. Certa noite, após a segunda caneca, se gabara de que não seria noviço para sempre.

— É bem verdade — zombara Leo Preguiçoso. — Qualquer dia você vai ser um ex-noviço e criar porcos. A chacota doera, e o risinho de Rosey só fizera com que doesse mais.

Julgara-se pronto por duas vezes. Na primeira, apresentara-se ao arquimeistre Vaellyn para demonstrar seus conhecimentos das estrelas. Em vez disso, descobriu por que Vinagre Vaellyn recebera esse nome. Levou dois anos para reunir coragem e tentar novamente. Dessa vez, submetera-se ao arquimeistre Ebrose e sua voz suave e mãos brandas. Pate, porém, exibira ainda menos domínio das artes curativas do que dos céus, e a decepção de Ebrose cortou ainda mais fundo que as farpas de Vaellyn. *Quatro anos e ainda com o pescoço rosado.* Outros homens haviam forjado a corrente inteira em menos tempo, do primeiro ao último elo. *Homens melhores.*

Pate ouvia a risada de Emma escapulindo de uma janela fechada acima de si, misturada à voz mais profunda do homem que ela entretia. Emma era a mais velha das atendentes. Tinha pelo menos quarenta anos, mas ainda era bonita, com um par de peitos que atenderia aos desejos de qualquer homem. Segundo Armen, ela levaria seu cajado à boca por uma estrela de cobre, mas Pate nunca levava nenhuma das atendentes escada acima. Prostitutas podiam passar bexiga para os homens. As moças do Javali eram mais limpas que as putas da beira do cais, certamente. Cobravam cinco vezes mais, o que afastava os marujos e todas as suas doenças estranhas. Ainda assim, Pate preferia não arriscar. Sua mãe costumava dizer que a bexiga escurecia o pinto de um homem e o fazia cair. Na Cidadela, ele

descobriria que isso não era verdade, mas a doença ainda podia matar ou enlouquecer alguém. Matara um príncipe herdeiro certa vez, dissera arquimeistre Perestan durante sua aula sobre o reinado do Rei Maekar.

Pate estava economizando todas as suas moedas para a filha de Emma. Rosey nunca estivera com um homem, então ele sabia que ela estava limpa. Ele adorava seus olhos cor de avelã e seios que desabrochavam, e a forma como ela sorria quando lhe trazia a cerveja. Com prazer ele levaria *Rosey* escada acima, mas Emma decretara que a virgindade dela custaria um dragão de ouro. Pate economizara nove veados de prata e um vaso de estrelas de cobre e vinténs, mas...

— Você não pode *saber* se não há dragões, Armen. — Meribald bateu o punho na mesa com tanta força que fez as canecas saltarem. Pate viu o rouxinol esvoaçar para longe. Por um instante, sentiu-se tão triste que pensou que fosse chorar. O Vinhomel estava denso com a bruma da manhã, o Javali era uma ilhota de luz. Para além dos archotes, o farol distante da Torralta flutuava no relento noturno como uma lua alaranjada e indistinta. Aquilo o fez pensar em Leo Preguiçoso, que logo roubaria a inocência de Rosey e provavelmente a deixaria com bexiga também. Se era provável que algum homem tivesse bexiga, esse homem seria Leo Preguiçoso.

— ...histórias contadas por marujos — disse Armen. — *Marujos*, Meribald. Desça ao cais e vai encontrar marujos que dizem ter dormido com sereias, e outros que passaram um ano na barriga de um leviatã ou que viram o sol se afundar no mar e o fizeram ferver. Até um noviço deveria saber que nunca existiu um *dragão de três cabeças*.

Alleras pareceu se divertir com aquilo. Ele parecia se divertir assim com frequência, como se soubesse um segredo que os amigos fossem obtusos demais para perceber. O resto bebia cerveja, mas o Esfinge preferia os vinhos estranhos e doces das Ilhas de Verão.

— Tampouco há esfinges vivas —, anunciou ele em seu sotaque dornês arrastado — mas aqui estou.

— Isso é um enigma? — perguntou Armen, franzindo o cenho. As esfinges supostamente falavam em enigmas, quando falavam. Fora Leo Preguiçoso quem dera aquele apelido a Alleras. Uma esfinge é um pouco disso e um pouco daquilo.

Tem o rosto humano, o tronco de um leão e as asas de um falcão. Nenhuma fera assim caminhara sobre a terra desde que a Perdição engolira Valéria, mas duas esfinges de mármore verde ladeavam a entrada da Cidadela, observando todos que passavam com olhos de ônix. Alleras também tinha olhos de ônix, e uma quietude que lembrava Pate de um gato esperando sua presa. Ele também era um pouco disso e um pouco daquilo. O pai fora um dornês. A mãe, uma mulher das Ilhas de Verão de pele negra como tinta. A pele do próprio Alleras era mais castanha, mas ainda assim mais escura que a de qualquer dornês típico. *Pele de mestiço*, pensou Pate, cujo rosto era pálido como uma pasta e propenso a queimaduras e descamação. Parecia, porém, uma coloração agradável debaixo da cobertura de madeixas pretas cortadas rente e do bico de viúva que davam a Alleras uma aparência tão ferina. As atendentes adoravam seu queixo com covinha, as bochechas lisas e o sorrisinho zombeteiro.

— Não é enigma — declarou o Esfinge —, apenas bom senso. Nenhum dragão tinha três cabeças, a não ser nos estandartes dos reis. Esse milagre do leste deve ter algo a ver com algum rebento sobrevivente da Casa Targaryen.

Meribald franziu o cenho meio bêbado. Mesmo grande como era, não aguentava tanta cerveja.

— Os Targaryen estão mortos.

— O Rei Pedinte está morto — disse o Esfinge —, mas ele tinha uma irmã, nascida em Pedra do Dragão após o assassinato do pai deles. Eis sua rainha dragão. Daenerys Nascida da Tormenta, era como a chamavam.

Pate sabia que o Rei Louco tivera uma filhinha, mas pensara ter ouvido que a cabeça dela fora esmagada contra uma parede. Não tinha nada a ganhar discutindo com o Esfinge, no entanto. *Ele tem três elos e eu não tenho nenhum.*

— Alleras — disse ele. — Minha caneca está vazia. Será que chamamos a Rosey para trazer outra rodada?

— A Rosey foi dormir — disse Alleras —, e deveríamos fazer o mesmo. A alvorada está próxima, e todos temos deveres pela manhã.

*Deveres.* Os deveres de Pate envolviam cuidar do arquimeistre Walgrave, que se esquecera mais sobre a criação de corvos do que a maioria dos mestres jamais

soubera. Um grande homem, outrora. Agora, seu manto com frequência escondia roupa de baixo suja, e, meio ano atrás, alguns acólitos o haviam encontrado chorando na biblioteca, incapaz de achar o caminho de volta para seus aposentos. Pate se considerara sortudo quando Walgrave o acolhera para ajudar com os corvos. Além de fazer isso, também buscava as refeições do velho, varria seus aposentos, vestia-o todos os dias pela manhã e o banhava a cada quinzena. Não recebia pagamento, mas era possível comer bem com as sobras de um arquimeistre. Pate esperara mais, mas Walgrave não podia lhe dar seu ferro negro. O velho era arquimeistre apenas por cortesia. Mestre Gormon sentava-se sob a máscara de ferro em seu lugar, e Gormon certa vez arrastara Pate diante do senescal, acusando-o de roubo.

— Eu também beberia mais uma cerveja — Meribald dizia para o Esfinge.

— Mais uma, para a caminhada de volta para casa.

— Uma, duas ou dez, pode beber quantas quiser — disse Alleras ao filho de cavaleiro. — Só não me procure para pagar por elas.

— Bah. O filho de um senhor deveria ter a mão aberta.

A risada do Esfinge soou como música.

— Minhas mãos estão abertas, mas minha bolsa está fechada... e não sou filho de senhor nenhum, já lhe disse.

— Meribald está vendo dragões dançantes — disse Armen, o Acólito. — Temo que o rapaz já tenha bebido cerveja demais para uma noite.

— Ele bebeu — disse uma voz atrás dele —, mas eu não. Que a Mãe tenha misericórdia, mas estou quase sóbrio.

Leo Preguiçoso estava escorado na oliveira, com o cabelo louro-claro caído sobre os olhos. A maioria dos noviços vestia mantos grosseiros de lã sem tingimento. Leo vestia cetim listrado em verde e branco, além de uma meia-capa de seda preta, afivelada no ombro por uma rosa de jade e ouro. O vinho que derramara na parte da frente das vestes fora um tinto robusto, no entanto, a julgar pela coloração das manchas.

— Vá correndo buscar uma atendente, Pate — comandou. — Alleras, você pode ter a honra de dar algum dinheiro a ela.

— Já estávamos indo embora — disse Pate.

— Estavam? — Leo sorriu. — Os meninos que criam porcos não devem mentir para seus superiores. É descortês e costuma acabar em chicotadas.

*Não sou criador de porcos.* Pate Malhado, o criador de porcos, era o herói de milhares de canções e histórias irreverentes, um pateta de bom coração e cabeça vazia que, de alguma forma, sempre conseguia derrotar os fidalgotes gordos, os cavaleiros arrogantes e os septões pomposos que o acoassavam. Nas histórias, a estupidez dele acabava sendo uma espécie de astúcia desajeitada. Geralmente, os contos terminavam com Pate Malhado no alto assento de um senhor ou na cama com a filha de algum cavaleiro. Mas os Pates do mundo real nunca se davam tão bem. Às vezes, Pate pensava que a mãe devia tê-lo odiado para lhe dar esse nome. Leo Preguiçoso sentou-se ao lado dele.

— Tenham piedade de um pobre noviço. Minha sede está atroz, e ouvi dizer que o dornês estava pagando.

— Estava — disse Alleras em sua pronúncia arrastada —, mas só para os amigos. Pague por sua própria cerveja. Sua prata é tão boa quanto a minha.

— É melhor — disse Leo —, mas perdi a minha. As pedras ficaram contra mim lá no Sorte Xadrez, e tive que jantar, claro. Leitão com molho de ameixas, recheado com castanhas e trufas brancas. E vocês, rapazes, o que comeram? — Quando ninguém respondeu, ele deu de ombros. — Tenho certeza de que ficaram satisfeitos. Está vendo meu triste dilema, Esfinge, então peça uma taça de dourado da Árvore para mim.

— Melhor não, meu senhor — Armen advertiu Leo. — A manhã já vai chegar. O arquimeistre Ebrose vai falar sobre as propriedades da urina. Não vai querer se atrasar.

— Perestan diz que o mundo tem cem mil anos. Se eu me atrasar uma hora para a degustação de mijo, não passaria de um piscar de olhos, não é mesmo? — Leo Preguiçoso deu de ombros preguiçosamente. — Essa gritaria toda de vocês acordou a pobre Rosey, sabiam? Uma coisinha linda, embora eu me pergunte se

a flor de qualquer donzela vale um dragão de ouro. Será que a dela é mais doce do que a da próxima puta? Preciso descobrir um dia. — Tirou o cabelo dos olhos. — De que eu estava falando? Ah, sim... dragões. Sor Manco está certo desta vez. O Mago está percorrendo o cais e visitando cada barco vindo do leste, fazendo perguntas estranhas em línguas estranhas. Diz que três dragões nasceram em Qarth, nos Portões de Jade.

— Três? — disse Roone, atônito.

Leo lhe deu um tapinha na mão.

— Mais que dois e menos que quatro. Eu ainda não tentaria conseguir o elo dourado, se fosse você.

*Se eu o acertasse na boca com a caneca, poderia arrancar metade dos dentes dele*, pensou Pate. Se fizesse isso, porém, Leo logo o poria para apodrecer num calabouço debaixo da Torralta. Os reitores que mantinham a ordem na Cidadela eram cegos e surdos ao comportamento vagabundo de Leo, e até a Guarda do Calçamento virava as costas quando ele se aventurava pela cidade causando estragos. Leo Preguiçoso era mais do que apenas mais um noviço. Era o querido filho mais novo de Sor Moryn Tyrell, comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha, e seu primo Mace era Senhor de Jardim de Cima, pai da rainha viúva e suserano do idoso Leyton Hightower, entre cujos numerosos títulos constavam “Protetor da Cidadela” e “Escudo da Cidade”. Leo era até mesmo parente de mestre Gormon, o que poderia explicar por que Gormon não via utilidade em Pate.

— Não é gracejo? — Armen, o Acólito, não ousava olhar de nariz em pé para um Tyrell. — Três dragões, tem certeza?

— Eu, não — disse Leo Preguiçoso. — O Mago.

— Dragões *Targaryen* — disse Alleras. — Eu adoraria ver o rosto de Tywin Lannister quando ouvir sobre isso.

— Imagino que nossa Mão já tenha ouvido — disse Leo, bocejando. — Porto Real também é um porto.



— O ancoradouro deles ainda está entupido com naufrágios queimados e destroçados da batalha no Água Negra — ressaltou Alleras. — O comércio foi para o norte, para Valdocaso e Vila Gaivotas.

— Não importa. Varys tem informantes em todo lugar. Lannister vai saber. Eu diria que nosso criador de porcos tem mais chance de chegar a grande meistre que essa rainha dragão tem de estar viva até o fim do ano.

O Acólito ainda tinha dúvidas.

— Marwyn está perturbado das ideias. Ouvi o arquimeistre Perestan dizer isso com minhas próprias orelhas.

Leo deu de ombros.

— Todo o zoológico odeia o mastim, mas e daí? Não quer dizer que ele esteja errado.

O *zoológico* era como Leo chamava os arquimeistres, para o deleite dos noviços mais jovens. Certa noite, Pate o ouvira repassar os nomes de todos eles, comparando cada homem a alguma ave ou fera. Sua insolência chocara Pate até os ossos, mas ele não conseguia negar que Marwyn parecia mais um mastim que um meistre.

— Ele olha para você como se fosse morder — dissera Leo, e até Pate rira, pois era bem verdade.

“Até mesmo a busca pela verdade pode chegar longe demais” era o que se ouvira o arquimeistre Mollos salientar quando Marwyn voltara a Vilavelha após oito anos no leste. Oito anos que passara mapeando terras distantes, procurando livros perdidos e estudando os segredos dos feiticeiros e umbromantes. “Marwyn, o Mago” arquimeistre Ryam o apelidara zombeteiramente. O apelido logo se espalhou por toda Vilavelha, para o enorme aborrecimento de Ryam.

— O senescal convocará o Conclave? — perguntou Roone.

— Para quê? Falar sobre dragões a meio mundo de distância? — Leo Preguiçoso gargalhou. — Não seja bobo. Está parecendo burro como o criador de porcos.

*Não ousou arrancar os dentes de Leo, pensou Pate, mas isso não significa que eu tenha que beber com ele. Afastou-se da mesa.*

— Com dragões ou sem — anunciou ele —, Walgrave vai precisar da latrina. Estou indo.

— Vou com você. — O Esfinge se pôs de pé e atirou uma estrela para a atendente.

Meribald fez o mesmo, ainda resmungando sobre outra cerveja. Armen se levantou, então, e depois Roone.

— Todos vocês? — Leo esticou as pernas. — Bem, a Rosey vai ficar. Talvez eu a acorde e faça dela uma mulher.

Alleras agarrou Pate pelo braço.

— Ele não tem cobre nem para uma caneca. Não pode ter um dragão para a garota. Deixe-o.

Eles o deixaram e passaram pela velha ponte de pedra que ligava o Javali de Três Patas à margem leste do Vinhomel. Meribald estava tão bêbado que teve de andar com uma mão no ombro de Roone, arrastando o pé torto enquanto avançava. A noite estivera úmida e o calçamento estava escorregadio. Brumas subiam do rio, embrulhando a cidade em mistério. A Cidadela não estava a grande distância em linha reta, como um corvo voaria, mas nenhum deles era corvo. *Quando eu for mestre num castelo, vou ter um cavalo para montar*, pensou Pate. Então, tropeçou numa pedra do calçamento e se perguntou a quem estava enganando. Alleras certamente se tornaria mestre. Armen também, embora fosse demorar mais. Até Meribald e Roone poderiam usar a corrente um dia, se persistissem. Mas ele?

*Todos eles são mais bem-nascidos que eu, e mais ricos*, pensou. *Não é justo que também sejam mais inteligentes.*

O céu oriental adquiriu um tom roseo. A carroça de um açougueiro avançava com ruído pela estrada do rio, com quatro leitões atrás grunhindo aflitos. Pate bailou para sair do caminho dela, e mal conseguiu evitar levar um banho quando uma moradora esvaziou um balde de dejetos noturnos pela janela. Meribald,

menos ágil, praguejou em voz alta contra ela. Quando o sol irrompeu pelas nuvens a leste, os sinos começaram a repicar no Septo do Marinheiro, no porto lá embaixo, no Septo do Senhor, localizado na metade da Torralta, e no Septo Estrelado, que fora o lar do Alto Septão até o reinado de Baelor, o Abençoado. Logo, os Sete Santuários se juntaram ao coro do outro lado do Vinhomel. Os sinos formavam uma música grandiosa. *Embora não tão doce quanto a canção de um rouxinol solitário*, pensou Pate.

Conforme as brumas se dissipavam, as abóbadas e torres da Cidadela emergiam da escuridão, com o esplendor em mármore negro do Septo Estrelado ao lado. Tanto a cidadela quanto o septo, porém, não passavam de brinquedos infantis se comparados ao que se erguia atrás: a majestosa Torralta, assomando sobre Vilavelha acima da Colina da Batalha.

*Três castelos empilhados, depois um septo, duas torres cilíndricas, uma torre de vigia e um farol*, era como Alleras a descrevia. A base da Torralta era um quadrado colossal de pedra negra fundida com muralhas de quinze metros de profundidade e trinta de altura. Marwyn, o Mago, declarava que eram os resquícios de uma antiga fortaleza valiriana. O arquimeistre Perestan dizia que ela havia sido erguida por gigantes. O povo citava Bran, o Construtor. Uma segunda fortaleza se assentava sobre a primeira, com suas muralhas de granito cinzento apoiadas por gigantescos pilares. O terceiro nível era outro igual, ainda menor. O quarto era o Septo do Senhor, um templo de sete lados em mármore verde com janelas de vitrais. Os níveis superiores eram cilíndricos. Acima de todos, duzentos e quarenta metros acima do rio, ardia o farol de ferro que guiava os marinheiros Enseada dos Murmúrios acima.

Quando Pate chegara a Vilavelha, a visão da Torralta erguendo sua lamparina contra as nuvens da alvorada o emocionara até os ossos. Não mais. *Parece uma espada, uma espada tão grande que só um deus poderia empunhar*. Leo Preguiçoso não era nenhum deus, mas um Tyrell era a coisa mais próxima disso. A bolsa de Leo podia estar vazia agora, mas logo estaria gorda novamente.

*Eu deveria levar a Rosey embora e me casar com ela*. Vinagre Vaellyn lhe negara o elo de bronze e Ebrose o de prata. Ele nunca seria um mestre. *Eu poderia ser um marido, no entanto. Poderia ter uma esposa adorável como a rainha, se tivesse um dragão de ouro*. De cabeça baixa, Pate seguiu Armen e Alleras, passando pelas grandes esfinges verdes e adentrando o coração da Cidadela de Vilavelha.

Roone e Arlen os deixaram no Salão do Curandeiro, para ouvir Ebrose falar sobre a urina. Meribald decidiu ir para sua cela. Alleras foi o último a se despedir de Pate.

— Você precisa esconder melhor suas feridas, ou Leo vai continuar desferindo punhaladas — disse o Esfinge, quando eles estavam debaixo da estátua do rei Daeron I, ao lado do Salão da Guerra. — Ele nunca vai desperdiçar um dragão com uma donzela quando pode simplesmente apostá-lo. Ele só diz aquilo para fazer você sangrar.

Acima deles, o Rei Daeron montava seu enorme cavalo de pedra, a espada erguida na direção de Dorne. Uma gaivota estava encarrapitada na cabeça do Jovem Dragão e outras duas na lâmina.

— Se dizer aquilo me faz sangrar, vou sangrar ainda mais quando ele fizer — disse Pate. — Walgrave logo vai acordar. Preciso ir.

— Quando terminar, venha me encontrar no campo de arquearia. — Alleras tinha um arco longo mais alto do que ele mesmo, feito da madeira dourada das Ilhas de Verão. Atirava por duas horas todos os dias. — Vamos atirar umas flechas e fazer de conta que os fardos são o Leo Preguiçoso.

— Eu vou — mentiu Pate. Ele só conseguia pensar em Rosey. Estava em dúvida se teria prata suficiente para conseguir uma mula para eles, assim que a comprasse da mãe. Viveriam livres, vagueando pelas estradas e dormindo debaixo de sebes. Ebrose podia não considerá-lo digno da prata, mas ele sabia botar um osso no lugar e aplicar sanguessugas para abaixar uma febre. Ninguém precisa de uma corrente no pescoço para curar os feridos e enfermos. O povo comum ficaria grato pelo conhecimento dele. *E se não ficar, bem, ainda vou ter a Rosey.*

A Cidadela acordara à primeira luz. Os moradores da cidade se reuniam perto do Salão do Escriba, esperando sua vez para que cartas fossem lidas ou escritas. Perto dali, os filhos de um cozinheiro vadeavam pelos baixios do Vinhomel, apanhando rãs.

Vinagre Vaellyn, mestre Owain e três acólitos desciam os degraus de madeira do Observatório. Uma profusão de noviços, alguns com a tenra idade de sete anos, se apressavam na direção ao Salão Comunal para o desjejum. À porta, três reitores aferrolhavam um noviço no tronco.

— Foi pego roubando comida das cozinhas — gritou um, quando viu Pate olhando.

O sol reluzia na abóbada dourada do Conclave e no teto de vidro dos Jardins de Inverno, e as pás de madeira do Moinho do Mestre rangiam enquanto giravam. O arquimeistre Castos bamboleava em um manto cor de mel do tamanho de um pavilhão, discutindo efusivamente com o arquimeistre Perestan. *O porco e a cegonha*, pensou Pate, *e nenhum dos dois veria um noviço a não ser que tropeçasse nele*. Na Doca Gotejante, dois acólitos solenes ajudavam um velho a subir num barco, seguido de uma mãe com um bebê nos braços. Se algum deles voltaria da Ilha Sangrenta, só os deuses podiam saber.

Pate não precisava de barco para chegar à Ilha dos Corvos: ela era ligada à margem por uma ponte levadiça. A Corvoaria era o edifício mais antigo da Cidadela, a semente a partir da qual o resto florescera. Outrora fora um castelo, a cruel fortaleza na ilha de algum senhor esquecido. Musgo e trepadeiras agora cobriam as paredes, no entanto, e corvos caminhavam pelas ameias no lugar de arqueiros. Até onde a memória dos vivos alcançava, a ponte levadiça não havia sido içada.

Dentro das muralhas do castelo, o ar era fresco e havia pouca luz. Um antigo represeiro preenchia o pátio, como fizera desde que aquelas pedras haviam sido erguidas. O rosto esculpido no tronco fora tomado pelo mesmo musgo purpúreo que pendia pesadamente dos pálidos galhos da árvore. Metade dos galhos pareciam mortos, mas em outros locais algumas folhas vermelhas ainda farfalhavam, e era ali que os corvos gostavam de se empoleirar. A árvore estava repleta deles, e havia mais nas janelas abobadas acima, por toda a extensão do pátio. O chão estava salpicado pelos excrementos deles. Enquanto Pate cruzava o pátio, um passou esvoaçando acima de sua cabeça e ele ouviu os outros crocitando entre si. Abriu a porta da torre norte e começou a subir.

Walgrave estava acordado, arrastando os pés descalços pelo quarto de dormir na direção da latrina. Um dos corvos brancos alisava as penas na coluna da cama, outro na janela aberta.

— *Pate* — crocitaram quando ele entrou. — *Pate, Pate*.

O tumulto fez Walgrave se virar.

— Aí está você. Ajude-me a ir até a latrina, se puder fazer a gentileza. Minhas entranhas precisam trabalhar.

Por meio segundo, Pate temeu que este pudesse ser um dos dias mais lúcidos do arquimeistre, mas logo ficou aparente que não era o caso. Walgrave parecia pensar que o nome dele era Cressen. *Algum amigo antigo, de quando ele era acólito.* Assim que o velho se acomodou na latrina, Pate o deixou ali. O trabalho das entranhas do arquimeistre era um processo moroso.

Walgrave guardava seus itens de valor num cacifo debaixo da cama. Ele precisara se ajoelhar para apanhá-lo. A caixa era robusta e reforçada com ferro, mas a fechadura estava quebrada. Aquela fechadura quebrada fora o motivo pelo qual meistre Gormon suspeitara de que Pate roubara, mas não era verdade. O próprio arquimeistre Walgrave quebrara a fechadura após perder a chave que a abria. Ali dentro estavam os parcos tesouros do velho: um saco de veados de prata, uma mecha de cabelos louros amarrados com fita, uma miniatura gasta de uma senhora que parecia Walgrave com peitos e uma manopla de cavaleiro de aço articulado e com acabamento em ouro. Walgrave sempre dizia que a manopla pertencera a um príncipe, embora parecesse não conseguir mais se lembrar de qual.

Pate apanhou a manopla e a virou de cabeça para baixo, e a chave caiu no chão. *Se eu pegar isso, sou um ladrão,* pensou. A chave era velha e ornamentada, feita de ferro negro. Todos os arquimeistres tinham uma. Os outros guardavam as suas consigo ou em algum lugar seguro, mas se Walgrave tivesse posto a própria num lugar seguro, ninguém nunca mais a teria visto. Pate não tinha dúvidas de que a chave do cacifo estava em um lugar seguro. *Quero fazer isso?*

— Este dragão implora que você repense — dissera o homem encapuzado, ostentando a moeda. Em um lado havia um dragão de três cabeças. No outro, a cabeça de um rei. Ele fizera o dragão dançar por entre os nós dos dedos. *Ouro por vidro,* pensou Pate. *Você não consegue coisa melhor. Você a ama? Você a quer?*

Ele apanhou a chave. Estava na metade do caminho até a porta quando repensou, voltou e pegou a prata também. Um ladrão era um ladrão, quer roubasse um pouco ou muito.

— *Pate* — um dos corvos brancos berrou atrás dele. — *Pate, Pate, Pate.*

De sua própria cela, pegou a escassa reserva de moedas que separara para Rosey e a lanterna que usava para iluminar o caminho de Walgrave à noite.

A Biblioteca era o maior edifício da Cidadela. Era toda feita de pedra, por dentro e por fora. Uma biblioteca anterior feita de madeira pegara fogo, e muitos livros preciosos haviam se perdido. Figuras grotescas se enfileiravam nos parapeitos, todas diferentes entre si. Cada uma era mais medonha que a anterior, e todas tinham um livro ou pergaminho nas mãos. A Biblioteca ostentava sete torres, em honra aos deuses, e mais torreões e janelas salientes que alguém poderia contar.

O arquimeistre Mollos estava saindo enquanto Pate entrava, o homenzinho cinzento que Leo Preguiçoso chamava de rato. Ele realmente tinha um aspecto de rato enquanto descia apressado pelos degraus. Mollos era famoso por dar aulas numa voz tão branda que ninguém conseguia ouvir uma palavra sequer. Assentiu para Pate quando se cruzaram. Tinha os olhos tão ruins que precisava que acólitos lessem para ele, e certa vez dissera que era melhor assentir com a cabeça para um pedinte do que arriscar ofender um senhor.

O cavernoso salão de entrada era uma das maravilhas da Cidadela, com seu piso de mármore, altos pilares com caneluras e uma abóbada de vitrais, mas Pate passou rápido por ali em busca da escadaria mais próxima. Abaixo, nas galerias, o ar estava fresco e havia pouca luz. Pate parou e acendeu a lanterna.

*Seja rápido, disse a si mesmo. Entre, pegue a vela e saia. Você já foi longe demais para voltar atrás. Lembre-se da Rosey. Lembre-se do Leo.*

Ainda assim, quando se viu de pé diante do grande rosto de bronze no sopé da escadaria, estava trêmulo. O rosto não tinha barba e o cabelo era coberto por um capuz, o que levava alguns a dizerem que a intenção era que fosse uma mulher. A Mãe, talvez, ou a Velha. A Velha sempre era retratada com uma lanterna, porém, e a única lanterna ali era a dele. Pate a baixou, sacou a chave de Walgrave e a enfiou na boca aberta do rosto. Teve de enfiar o braço quase até o cotovelo até a chave encontrar o engate. *Entre e saia, pensou ele. Entre e saia, pegue o que precisa, entre e saia, entre e saia, entre e saia pela Rosey.* Girou a chave até ouvir um estalo, tirou a mão e empurrou a porta.

Dentro do Círculo da Sabedoria, tudo era escuridão. Pate ergueu a lanterna. A câmara tinha sessenta e oito metros de um lado a outro, e era redonda. Aqui, cada lugar era um lugar de honra, diziam os arquimeistres, pois o conhecimento tornava todos os homens iguais, e o aprendizado não tinha começo nem fim.

Os passos de Pate ecoavam debilmente na câmara vazia. A luz de sua lanterna refletia tremeluzente em um chão de madeira polida, feito de raios de vinte e um tipos de madeira; cedro e espruce, pinho e amieiro, tramazeira e teixo dornês, carvalho-negro, carvalho-branco, carvalho-roble, noqueira-amarga e carpino, sequoias da Campina, represeiros da Muralha, noqueira-negra, noqueira-branca e noqueira-pecã, bordo-vermelho, teca, ébano e amagodouro das Ilhas de Verão, mogno das margens fumegantes de Sothoros. Em sua última visita, ele passara um bom tempo olhando o chão, buscando desajeitadamente respostas que nunca vieram. *Desta vez eu tenho resposta*, porém.

Ergueu a lanterna bem acima da cabeça. Os raios de madeira se encontravam como fatias de uma grande torta num ponto central, acima do qual pendia uma lamparina ornamentada de madeira e vitral, trabalhada no formato do sol. Pretendia representar a iluminação intelectual, mas Pate nunca se sentira menos iluminado do que quando estivera abaixo dela. O círculo de tronos ficava de costas para as paredes, meio oculto pelas sombras. Eram tronos para ele, pelo menos, embora os arquimeistres os chamassem de cadeiras. Cada cadeira era trabalhada da mesma madeira que o raio sobre a qual se situava. Cada uma delas era elaboradamente entalhada, e nenhuma delas era igual a outra. Da parede acima de cada uma pendia uma máscara de metal.

As máscaras não interessavam a Pate. Ele viera pelas velas, as altas velas de vidro que ficavam em castiçais de ferro do lado direito de cada um dos tronos. Tinham noventa centímetros e eram esguias como um punhal, retorcidas e com arestas, refulgindo em tons de preto à luz da lanterna. *Vou pegar a vela de Vaellyn*. Nos contos do Pate Malhado, o criador de porcos sempre desferrava os insultos. *A máscara de bronze*, disse a si mesmo. *Ele usa a máscara de bronze*. Mas as máscaras pendiam muito acima da cabeça dele, e à luz tênue ele não conseguia distinguir um metal do outro. No fim, Pate escolheu uma das velas de vidro quase ao acaso e a afrouxou com cuidado do castiçal ornamentado de ferro.

Dizia-se que as velas de vidro haviam sido trazidas para cá de Valíria, mil anos antes da Perdição. Da base ao pavio eram de obsidiana; preta, quebradiça e



brilhante. *Vidro de dragão*, era como o povo a chamava. Teriam os dragões criado aquilo, antes de todos se extinguirem? Pate não tinha certeza. Ele nunca compreendera as velas de vidro. De que servia uma vela que não queimava?

Armen, o Acólito, certa vez lhes explicara. As velas de vidro eram uma lição, dizia ele, tão repleta de significado quanto a corrente de diversos metais que um mestre usava no pescoço. Na noite que antecedia à colocação da corrente, todos os pretensos mestres eram trancados nesta câmara ao pôr do sol, para contemplar o juramento que estavam prestes a assumir. Nem lamparina nem outra vela lhe eram permitidas, então ele deve passar a noite na escuridão... a não ser que possa, de alguma forma, acender uma das velas de vidro.

— Alguns tentam — disse Armen. — Os tolos, os teimosos, aqueles que estudaram o bastante de feitiçaria para acrescentar aço valiriano a suas correntes. Muitas vezes cortam os dedos, pois as saliências das velas são afiadas como navalhas. Então, com as mãos ensanguentadas, devem aguardar a alvorada, ruminando sobre seu fracasso. Homens mais sábios simplesmente vão dormir ou passam a noite em oração, mas todos os anos há sempre alguns que se veem obrigados a tentar.

— Sim — Meribald perguntara —, mas qual é maldita *utilidade* de uma vela que não lança luz?

Armen olhou de nariz em pé para ele.

— A vela de vidro é a sabedoria que aprendemos, tão bela quanto o conhecimento e tão frágil quanto a verdade. É feita na forma de uma vela para nos lembrar de que um mestre deve lançar luz aonde quer que sirva, e é afiada para nos lembrar de que o conhecimento pode ser perigoso. Homens sábios podem se tornar arrogantes em sua sabedoria, mas um mestre deve sempre permanecer humilde. A vela de vidro nos lembra disso também. Mesmo após assumir seu juramento, vestir a corrente e partir para seu serviço, um mestre rememorar a escuridão de sua noite como acólito, e se lembrará de como nada que ele fizesse poderia fazer a vela queimar. Mesmo com conhecimento, há coisas que não são possíveis.

Pate aninhou a vela na palma da mão. Em suas lembranças, os castiçais eram mais altos e as velas mais curtas. *É tão longa quanto meu braço. Como vou tirá-la daqui?*

Difícilmente conseguiria cruzar a Cidadela com uma vela de vidro na mão. *Eu devia ter trazido uma capa para embrulhá-la.* Praguejou contra si mesmo por idiota, mas praguejar não resolvia o problema. Só havia uma maneira. Seu manto tinha uma corda de couro trançado como cinto. Pate a cortou em três pedaços e amarrou a vela à perna esquerda, abaixo do joelho. O caminhar seria desajeitado, mas seu manto esconderia o tesouro por tempo o suficiente para ele chegar ao cais.

A Cidadela de Vilavelha nunca parecera tão imensa a Pate quanto naquela manhã. Ele evitou o rio e tomou um caminho menos usado, através dos Jardins de Verão, orando para que não encontrasse nenhum dos amigos. *Eu devia ter trazido uma aljava,* pensou ao passar pelo campo de arquearia. Os alvos haviam sido pintados em fardos de feno, e quatro acólitos atiravam setas neles a cem passos de distância, mas o Esfinge não estava entre eles. *Uma aljava teria sido o objeto perfeito para esconder uma vela.*

Quando passou pelas esfinges, Pate já se sentia tonto. *O pior já passou,* disse a si mesmo enquanto mancava pelas ruas de Vilavelha, girando a perna tão desajeitadamente quanto Meribald. Novamente ele se esquivou da estrada do rio rumo a caminhos menos familiares, vagueando por ruas estreitas, pátios escuros e becos escuros, tomados pelos odores de peixes podres. O efeito da cerveja da noite anterior passara. Ele queria fechar os olhos e descansar um pouco, mas sabia que seria pego se o fizesse. A Guarda do Calçamento o entregaria aos reitores e ele perderia Rosey para sempre.

Pareceu levar um ano até encontrar a cave que queria, onde a Viela da Peixeira cruzava com o Beco do Velho Bacalhau. Nem bem Pate havia entrado e uma puta o interpelou. Seus pesados peitos brancos caíam quase até a cintura.

— Venha cá, rapaz, dê um beijo aqui, mas por que... pelos sete infernos, porra. — Ela recuou. — Olha só, ele se mijou.

— Não — disse a voz de um estranho. — Isso é sangue.

*Sangue?* Pate olhou para baixo. Seu manto estava grudado à perna, preto e molhado do joelho à bainha. *Meu sangue não é preto,* tentou dizer enquanto a cave girava a seu redor.

— Socorro — disse, mas a puta estava se afastando dele. Um chão de terra batida subiu para recebê-lo. *Ouro por vidro,* pensou ele, *ouro por... por...*

Quando acordou, um chão de madeira se movia abaixo de si, e a vela de vidro queimava com uma luz estranha e firme.

*Isto é um sonho*, Pate disse a si mesmo. *Uma vela de vidro não queima. Mesmo com conhecimento, há coisas que não são possíveis.*

— Quem disse isso? — disse uma voz num tom calmo.

Só então Pate percebeu que falara em voz alta.

— Armen — respondeu. — Ele é um acólito.

— Um acólito e um tolo. — Havia movimento nas sombras. — Ele fala sobre coisas que não compreende. — O homem encapuzado estava de pé à frente dele, admirando a vela. — Ela lança uma luz adorável.

Não era a palavra que Pate teria escolhido. A luz tinha uma natureza perturbadora, como se a vela de vidro sugasse alguns tons enquanto tornava outros estranhamente agudos. Os vermelhos assumiam um fulgor flamejante e os brancos se tornavam cegantes, mas as sombras escureciam até haver buracos no próprio tecido do mundo. *Não são chamadas comuns. Isso é algum tipo de feitiçaria.*

— Foram feitas em Valíria, mil anos atrás — disse o homem encapuzado. — O poeta valiriano Esharys certa vez escreveu que os homens são como velas. Todos queimamos com fulgor por algum tempo, mas cedo ou tarde derretemos e somos tomados pela escuridão. Mas essas velas... elas queimam, mas não são consumidas. — Ele deu um risinho. — Os poderes estão acordando, Pate. As sombras estão se mexendo. Há dragões no mundo novamente, e todas as coisas são possíveis para aqueles que ousarem. Sabe qual era a utilidade que os valirianos encontravam para essas velas de vidro?

— Luz? — experimentou Pate.

— A resposta óbvia, mas que vale a pena ser dita. Sim, luz era uma parte. Velas de sebo soltam fumaça e fedem, até mesmo a cera de abelha é vacilante. O vidro de dragão, não. Mas era mais que isso.

— Armen, o Acólito, disse que elas existiam para nos manter humildes.

— Humildes como valirianos e secos como o oceano esverdeado? — O homem encapuzado gargalhou. — Creio que não. Os feiticeiros da Cidade Franca podiam ver além das montanhas, mares e desertos com elas. Falavam uns com os outros a meio mundo de distância, sentados diante de suas velas. Seria útil, não seria?

— Não precisaríamos de corvos.

— Só depois das batalhas. O homem encapuzado apanhou uma luva e percorreu toda a extensão da vela com o dedo, de leve. Serviam para adivinhar e para conversar, sim... e mais. Lembra-se do poeta de quem falei?

— Poeta?

— Estou começando a compreender por que você ainda é noviço. Esharys era também feiticeiro, e quando escreveu que os homens eram como velas, estava falando mais que em metáforas. A noite é escura e cheia de terrores, e a luz pode manter certas coisas assustadoras à afastadas. Até mesmo a morte. O fogo estava na raiz de toda a magia valiriana. Com essas velas, os homens se tornavam imortais. O vidro de dragão queima, mas não é consumido... e enquanto a chama durar, o homem cuja vida está ligada a ela não pode morrer. — Ele se voltou para Pate. — A ligação precisava ser renovada de tempos em tempos. Com sangue.

A palavra causou um arrepio repentino em Pate.

— Mostre-me seu rosto.

— Como quiser.

Ele baixou o capuz.

Pate não sabia o que esperara. O homem encapuzado era apenas um homem, e seu rosto era apenas um rosto. Um rosto de homem jovem, redondo e comum, com maçãs do rosto cheias e a sombra de uma barba. Era possível ver uma fraca cicatriz na bochecha direita. Tinha um nariz adunco, e um emaranhado de densos cabelos negros que se encaracolavam, apertados, ao redor das orelhas. Não era um rosto que Pate reconhecesse.

— Não conheço você.

— Nem eu conheço você.

Ele parecia quase triste.

— Quem é você?

— Um estranho. Ninguém. De verdade.

— Quero meu dragão. Ouro por vidro, foi o que você disse.

Num piscar de olhos, a moeda surgiu na mão dele. À luz da vela de vidro, seus dedos tinham um brilho dourado. Pate a agarrou com avidez e a mordeu para garantir que era de ouro.

— Você sequer sabe qual sensação o ouro deve ter entre seus dentes? — perguntou o homem encapuzado.

— Já provei ouro antes — mentiu Pate. — Já provei bastante.

Comentário final de Martin: *Blá-blá-blá, o homem encapuzado mata Pate.*  
Tradução: Felipe Bini, [geloefogo.com](http://geloefogo.com).